IX CONGRESSO APF
FUNCHAL 2008

# LUSOFONIA
# Tempo de Reciprocidades

4 a 9 de Agosto de 2008
Universidade da Madeira

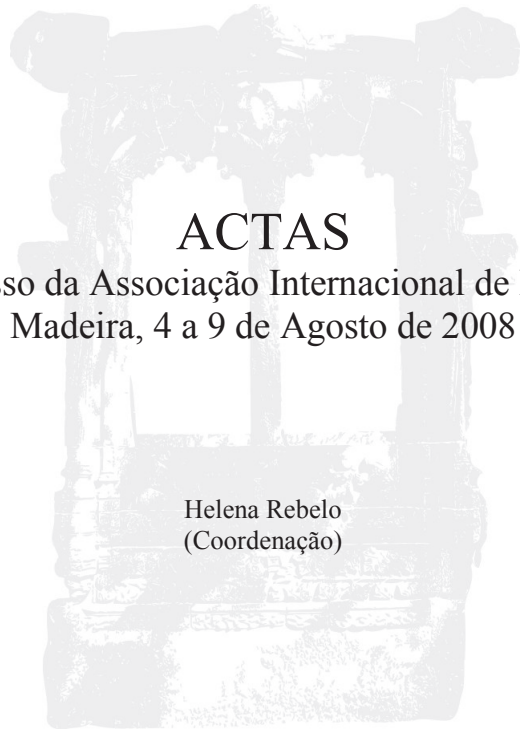
Helena Rebelo
(Coordenação)

Edições Afrontamento

ACTAS
VOLUME I

# LUSOFONIA
# TEMPO DE RECIPROCIDADES

Volume I



## ACTAS

IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas
Madeira, 4 a 9 de Agosto de 2008

Helena Rebelo
(Coordenação)

Edições Afrontamento

2011

# LUSOFONIA
# TEMPO DE RECIPROCIDADES

## Volume I

Helena Rebelo
(Coordenação)

**Selecção e Organização**
LINGUÍSTICA: Helena Rebelo, Thierry Proença dos Santos
LITERATURA: Ana Isabel Moniz, Fernando Figueiredo, Maria Teresa Nascimento
CULTURA: Ana Margarida Falcão, Leonor Coelho, Paulo Miguel Rodrigues

**VOLUME I**
**LINGUÍSTICA**
Língua portuguesa: migrações e trânsito
Uma língua, várias culturas: transposições e localizações

**LITERATURA**
Cartografias das diferenças
Ilhas e continentes: reciprocidades
*Varia*

*Lusofonia: Tempo de Reciprocidades*
*Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*

Coordenação
**Helena Rebelo**
© 2011, Autores e Edições Afrontamento

Edição
**Edições Afrontamento**
Rua Costa Cabral, 859 | 4200 Porto
www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt

Selecção e Organização
Volume I
LINGUÍSTICA: Helena Rebelo, Thierry Proença dos Santos
LITERATURA: Ana Isabel Moniz, Fernando Figueiredo, Maria Teresa Nascimento
Volume II
CULTURA: Ana Margarida Falcão, Leonor Coelho, Paulo Miguel Rodrigues

Patrocínios e apoios
**Universidade da Madeira**, **Associação Internacional de Lusitanistas**,
**Direcção Regional dos Assuntos Culturais**, **Funchal 500 Anos, E. E. M.**,
**Fundação para a Ciência e Tecnologia (Programa FACC)**, **Instituto de Camões**.

Design
**Mais Dicas Design – Projecção e Execução, Lda.**
Estrada do Portinho, 94 | 9125-110 Caniço
Tel. e Fax: 291 600 850
E-mail: design@maisdicas.com

Colecção
**Textos, 88**

Edição n.º 1359

ISBN
978-972-36-1150-2

Depósito Legal:
323708/11

Impressão e Acabamento
**Rainho & Neves, Lda**
Santa Maria da Feira
geral@rainhoneves.pt

Volume I
1000 exemplares

Este livro compila algumas das comunicações apresentadas no IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, realizado na Universidade da Madeira, em Agosto de 2008. Os textos são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores, especialistas em Língua Portuguesa.

Março de 2011

*Associação Internacional de Lusitanistas*
www.lusitanistasail.net

**DIRECÇÃO**
**2005-2008**

**Presidência**
Regina Zilberman

**Vice-presidência** – Carlos Reis
**Vice-presidência** – Elias Torres Feijo
**Secretaria e tesouraria** – Maria da Glória Bordini

**Vogais**
Ana Mafalda Leite
Benjamin Abdala Junior
Cristina Robalo Cordeiro
Ettore Finazzi Agró
Fátima Ribeiro
Helena Rebelo
Maria del Carmen Villarino Prado
Sebastião Tavares de Pinho
Rolf Nagel
Teresa Cristina Cerdeira da Silva

**Conselho Fiscal**
Laura Cavalcanti Padilha
M. Fátima Brauer-Figueiredo
Thomas Earle

**Presidentes Honorários**
Cleonice Berardinelli
Helder Macedo

**ORGANIZAÇÃO**
***IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas***

Funchal e Universidade da Madeira, de 4 a 9 de Agosto de 2008

**Oradores Convidados**
Sessão de Abertura: Tolentino Mendonça
Sessão de Encerramento: Isabel Pires de Lima

**Comissão de Honra**
Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, José Mariano Gago
Ministro da Cultura, José António Pinto Ribeiro
Reitor da Universidade da Madeira, Pedro Telhado Pereira
Representante da República, Antero Alves Monteiro Diniz
Presidente da Assembleia Legislativa Regional, José Miguel Mendonça
Presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim
Presidente da Câmara do Funchal, Miguel Albuquerque
Comandante da Zona Militar da Madeira, João Miguel Castro Rosas Leitão
Bispo da Diocese do Funchal, António Carrilho
500 Anos do Funchal, Pedro Calado
Presidente da Associação Internacional de Lusitanistas, Regina Zilberman

**Direcção**
Helena Rebelo (coord.)
Fernando Figueiredo
Thierry Proença dos Santos

**Comissão Científica**
Ana Isabel Moniz
Ana Margarida Falcão
Helena Rebelo
Maria Teresa Nascimento
Paulo Miguel Rodrigues

**Comissão Executiva**
Helena Rebelo
Leonor Coelho
Fernando Figueiredo

**Comissão Financeira**
Thierry Proença dos Santos
Paulo Miguel Rodrigues
Carla Cró

# *Cartas do Campo e da Cidade*
# LUZIA no seu jogo de identidades

**Anne Martina Emonts**
Universidade da Madeira

**Resumo:** A obra de Luzia, pseudónimo de Luísa Grande (1875-1945), nunca foi reeditada. Intelectual e figura pública da primeira metade do séc. XX, a autora caiu no esquecimento, partilhando o destino de muitas das suas colegas escritoras.
Tendo vivido na Ilha da Madeira, em Portugal Continental, bem como em outros países europeus, e tendo convivido com pessoas de variadíssimas origens, por vezes em circunstâncias difíceis, Luísa Grande escreveu obras que dão testemunho dos tempos em que foram construídas as nossas identidades de hoje. Escolhi para uma análise mais pormenorizada o texto *Cartas do Campo e da Cidade* (1922), contextualizado por outras obras da e sobre a autora, pois penso que poderá dizer muito sobre "uma língua, várias culturas: transposições e localizações", nomeadamente sobre a vida e a escrita de uma modernista.
Esta breve comunicação está inserida num projecto mais vasto de reconstrução, caso a caso, do contexto europeu da escrita feminina nos inícios do séc. XX.

## 1. A Vagabunda

Luísa Susana Grande Freitas Lomelino nasceu em Portalegre, no Alentejo, a 15 de Fevereiro de 1875 e faleceu a 10 de Dezembro de 1945 no Funchal. Com o pseudónimo LUZIA, publicou oito livros e deixou, provavelmente, um vasto espólio, que algures aguarda exploração. Faz parte da legião de escritoras esquecidas, ou, se não completamente esquecidas, negligenciadas pela memória colectiva.[1]

LUZIA partilha com outras escritoras europeias um destino típico da sua época. Nascida no seio da alta sociedade, a 1ª República abre-lhe o caminho para o divórcio de um marido mal-amado e para a produção artística e literária. Como acontece com tantas outras mulheres, a falta de um "lar, doce lar" estável e a marginalização como intelectuais divorciadas conduzem-nas a frequentes deslocações, a uma vida migratória, a que, num outro lugar, chamei *displacement*, considerando-o marca comum destas artistas errantes,[2] que assumem uma identidade múltipla e a transformam em arte. Escrevem, mas escrevem de forma diferente. Gostaria de evocar, a este propósito, aquele "outro Modernismo", a que poderíamos chamar também o lado feminino do Modernismo.

Luísa Grande passa a sua vida viajando – entre a Madeira, o Alentejo, Lisboa, Paris.[3] A sua personalidade – como pessoa e como escritora – é multifacetada, dissocia-se, agrega-se de novo. A vida e a escrita de LUZIA revelam o desmoronamen-

---

[1] Devemos a LUZIA, uma das grandes escritoras de Portugal, por exemplo, uma das mais belas e lúcidas descrições da cidade do Funchal, em que viveu e faleceu. Todavia, nem no âmbito dos inúmeros festivais literários "Funchal 500 Anos", em 2008, aparece o seu nome uma única vez.

[2] «Der sichere Weg zur Unsichtbarkeit – Entwurf einer Typologie des Mißerfolgs in Leben und Werk von Schriftstellerinnen der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts: Der Fall Mechtilde Lichnowsky», comunicação proferida no âmbito do congresso internacional. *Frauenliteratur und Gläserne Decke?, Zweiter Internationaler Kongress Gender und Macht in der deutschsprachigen Literatur von Frauen*, Santiago de Compostela, 27.-29. September 2007 [no prelo].

[3] Pormenores da biografia in CONDE, 1990.

to do conceito de identidade. É "vagabunda" uma das auto-designações preferidas pela autora, pertence a qualquer parte, como ela própria escreve no livro que me proponho analisar, *Cartas do Campo e da Cidade*, de 1922 [1923]. A uma amiga, que lhe escrevera: "Não te agarres [à Madeira]. Tu és de cá [de Portugal Continental], não és de lá.", responde: "Maria, eu já mal sei donde sou…como certas plantas em todos os terrenos deito raizes…onde chego, julgo sempre que vou ficar."[4]

**2. A teoria**

Articulando LUZIA com o Modernismo e com abordagens recentes, poder-se-á considerar – como variação da conhecida afirmação de Fernando Pessoa, que se sentiu *estrangeiro* em qualquer parte - que LUZIA é *estranha* em qualquer parte.

Em 2000, Vivian Liska publica o seu livro "O Modernismo – uma Mulher"[5], no qual, partindo da análise pormenorizada de dois romances exemplares de escritoras alemãs igualmente negligenciadas pelo cânone (Ricarda Huch e Annette Kolb), esboça uma teoria do Modernismo feminino. Apoiando-se na teoria de Julia Kristeva sobre a integração do "estranho" no Eu, exposta na obra *Étrangers à nous-même* (KRISTEVA 1988), Liska defende a tese que as escritoras do início do séc. XX já tinham abolido nos seus escritos um conceito ultrapassado de identidade una em prol de uma identidade múltipla. Muitas vezes na figura da *flâneuse*, as protagonistas dos romances analisados rejeitam, tal como LUZIA, qualquer fixação num determinado lugar, e acabam por integrar o *estranho* nas suas vidas, ou melhor, nas suas pessoas.

À dissociação do Eu modernista corresponde, para além de vários aspectos formais como, por exemplo, mudanças bruscas de perspectiva (e da perspectiva de narração), a presença de doenças nervosas e do motivo da saudade da morte e, muito particularmente, o confronto constante com a descrição do que é estranho, diferente.

Sem poder desenvolver as reflexões teóricas de Liska e sem poder referir neste lugar as outras escritoras europeias e as suas obras[6], gostaria de destacar mais alguns dos momentos significativos deste 'outro' Modernismo feminino: a linguagem estranhante, os estrangeirismos frequentes, a mudança brusca de registos linguísticos e de estilos, ou a análise distanciada de fenómenos linguísticos, os *non-events*, a ausência de estabilidade (*vd*. deslocalização/*displacement*), a multiplicidade dos papeis sociais e o 'sentir-se estranha' das protagonistas, as quais, em certa medida, são sempre dissidentes. Aceitam em si próprias o sempre outro e o estranho e, assim, ganham força para a luta contra um ambiente repressivo.

Porém, as *Cartas do Campo e da Cidade* de Luísa Grande não são um romance. A escolha da forma ultra-convencional de "Cartas a amigas " é um artifício literário de LUZIA. As amigas fictícias, às quais a escritora das cartas editadas dirige a palavra, representam um leque de possíveis papéis para si própria, através das quais pode, sem restrições, distanciar-se da realidade vivida e, ao mesmo tempo, superá-la. Encontramos nestas cartas, num discurso próximo da corrente de consciência, um jogo irónico permanente com o que é ao mesmo tempo estranho e familiar, bem como com

[4] LUZIA, 1922:172.
[5] Título do original: *"Die Moderne – Ein Weib"* [As traduções são da minha responsabilidade].
[6] Liska analisa textos de Ricarda Huch e de Annette Kolb. Eu própria tratei, na minha dissertação de doutoramento (EMONTS 2009) o caso de Mechtilde Lichnowsky. Tanto na literatura alemã como na portuguesa, são centenas as escritoras, cujos textos aguardam leitura atenta sob os aspectos teóricos aqui propostas (*vd*. EMONTS 2000 e 2001).

o que é aceite e o que é rejeitado no estranho – em prol do processo da (re-)construção de identidade e/ou de uma dissociação aceite dessa mesma identidade.

**3. Cartas do Campo e da Cidade**

O título da obra em análise fala-nos de pelo menos dois pólos de identidade: um do campo e outro da cidade. LUZIA não deixa margem para dúvida de que se considera alentejana: "Há entre o Alemtejo e a minha pessoa mil affinidades. Já reparou quanto influe na nossa maneira de ser a paisagem em que nascemos?" (LUZIA: 1922, 14) Embora a escritora limite aqui esta influência à terra natal, no decorrer das viagens – reais e literárias – da protagonista, a correspondência entre o estado de alma e a paisagem ganha importância.[7]

A protagonista é do *campo*, mas será, também, da *Ilha* da Madeira, cuja paisagem reflecte o seu interior, até ao ponto da absorção total como amante do *mar* da Madeira, nomeadamente, do da vila *Jardim do Mar* nessa ilha.

Luísa Grande, casada com Francisco João de Vasconcelos desde 1896, do qual se divorciou em 1911, graças à lei do divórcio de 1910, tinha chamado à Ilha da Madeira o seu "desterro", a "Ilha do Diabo"[8] (LUZIA, 1936: 333). O mar bravo e hostil do Jardim do Mar, onde costumava passar os meses de inverno, amedrontava-a. Não esconde a sua infelicidade ("julguei enloquecer", *ibidem*), mas, de repente, como escreve LUZIA, aconteceu o milagre do amor:

> Passei a viver com o mar – foi ele o feiticeiro – e para o mar, ouvindo só a sua voz e, quer ela murmurasse docemente certa embaladora romance, suave canção das ondas mansas, quer rugisse numa fúria, atirando contra a terra, os doidos vagalhões, era sempre a mim que falava, era eu só que a entendia! Perdi o medo aos precipícios que ladeavam as veredinhas escorregadias, onde as pedras fugiam debaixo dos pés e, a cada passo, me arriscava a rolar com elas. Corria a rocha para conhecê-lo de todas as alturas, em todos os aspectos, queria adevinhar-lhe todos os segredos… Lembro-me que, uma vez, me leventei de noite para ir vê-lo do cemetério. Havia luar e uma grande paz silenciosa…Invejei os mortos que, para sempre ali dormiam, tão perto do seu coração. Tudo lhe dei e tudo o mar me deu, até o que estava longe, o que ficava para trás, no domínio da nostalgia! Em tardes serenas, veladas por um brando nevoeiro, a sua superficie lisa, estendo-se indefinitivamente, a confundir-se com o céu, restituía-me as longas planicies da minha querida província…E se tinha saudades de Lisboa, ele fazia, do poente, sobre as ondas um jardim de olaias, uma velha catedral, uma torre rendilhada…E se desejava as sedas, jóias, flores – essas mil futilidades que amam as mulheres – logo me depunha os pés entre a franja do seu vestido, um colar de opalas, uma rosa de prata…Quantas, quantas razões tive para querer-te, e quanto te quis, mar bravo, mar manso, mar azul, verde, cinzento, mar que rugias, mar que choravas, mar que cantavas, mar do Jardim do Mar – Oh! Meu tesoiro encontrado, oh! Meu tesoiro perdido. (*ibidem*) [sublinhado meu].

[7] É interessante, neste âmbito, a dissertação de Friedrich Christian Delius (1971) *Der Held und sein Wetter. Ein Kunstmittel und sein ideologischer Gebrauch im Roman des bürgerlichen Realismus.* [O Herói e o seu tempo atmosférico. Um meio artístico e a sua aplicação ideológica no romance do realismo burguês], München: Carl Hanser.

[8] LUZIA (1936) *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa: Edições Europa; *apud Almanaque Betrand*, 1944, 333s.; agradeço a indicação do trecho ao meu colega Adriano Ribeiro.

De forma exemplar, em termos de *thanatos* e *eros*, Luzia parece cumprir de novo, até aos pormenores, as propostas de Vivian Liska e de Julia Kristeva: a arte, como sempre, precede a teoria. Também em Portugal, também na Ilha da Madeira.

Integrando o hostil, o estranho na sua alma, a figura (que é e não é LUZIA) perde o medo do estranho, do lúgubre. De forma ligeira, *nonchalante*, fala da morte e dos mortos, tem saudades dela e deles.[9] Percebe, neste processo de libertação interior, que a sua "querida província", o Alentejo, está dentro dela própria, assim como a cidade, com a sua vida mundana. Essa riqueza, esse "tesoiro", uma vez integrado, está simultaneamente presente e ausente: já não tem lugar. E nunca mais irá ser estranho e causar medo.

Regressemos ao texto das *Cartas*, das quais um terço foi (pretende ter sido) escrito a partir da Madeira, e reflecte Luísa, a madeirense, assim como a autora das cartas fictícias não esconde a sua identificação com a cidade de Lisboa:

> Querida Joanninha. Quem lhe disse que eu não gosto de Lisboa? […] Ah! Tambem eu lhe quero, Joanninha e com uma especial ternura! Conheço-lhe os deifeitos terriveis e quero-lhe apezar d'esses defeitos ou…quem sabe? Talvez que justamente por causa d'elles…Perfeita, civilisada, ajuizada, Lisboa deixaria de ser a nossa Lisboa. (LUZIA, 1922, 23s)

Aponta, na mesma carta, outro meio de construção da sua identidade: a literatura – de preferência estrangeira. Nas figuras das obras que lê revela- se "a saudade de mim mesma" (*ibidem* 25). Nunca saiu da sua província, como ela escreve (*ibidem* 40), mas "todos os logares attrahem ao mesmo tempo e nenhum contenta" (*ibidem* 62) e diz que "heide soffrer da minha estranha dualidade, a minha alma decadente de civilisada, hade luctar com a outra, a minha alma simples de provinciana…" (*ibidem* 63).

As cartas oscilam entre a realidade relatada à respectiva "amiga" e as reflexões sobre literatura ou sobre a leitura de que se ocupa no momento, como por exemplo *Roberto e Constança*: «Roberto desesperado foi viajar. – A gente quando não se suicida vai sempre viajar…» (*ibidem* 94)

O traço longo e as reticências esclarecem que LUZIA, nesta última frase, já não está a falar do romance em questão, mas sim, a pronunciar uma afirmação de carácter filosófico, fruto da sua experiência pessoal.

De acordo com os escritos de LUZIA, cada despedida é uma espécie de morte, especialmente a despedida de Portugal rumo à Madeira[10] (*ibidem* 146-151). Mas, estando na Ilha, logo fala na primeira pessoa do plural e conta às amigas como «somos», «Pois, nós madeirenses» (*ibidem* 182). Por vezes, vislumbram-se certa distância e ironia quando fala da alta sociedade, à qual pertence. Funchal representa, porém, o meio urbano.

Quem quiser saber como eram o Funchal e a Madeira há 100 anos, e como a mentalidade da Ilha é caracterizada com carinho, leia as *Cartas* de Luzia. Mais do que Lisboa, o Funchal e os seus habitantes – subentenda-se: a classe alta – são "estrangeirados". Enquanto nas cartas do Alentejo e de Lisboa predominam estrangeirismos franceses, a Madeira parece mais britânica.[11] LUZIA, uma crítica da linguagem *avant la lettre*, observa a linguagem e ironiza a corrida da *haute gomme*

---

[9] *Vd.*, também, LUZIA, 1922, 212.
[10] *Vd*. LUZIA, 1922,146-151.
[11] Seria desejável uma análise sob este aspecto intercultural.

funchalense ao *dernier cri* e à *last fashion*, ao *bridge,* aos *pic-nics*, aos *flirts* (*ibidem* 166) e às *Misses (ibidem* 201)[12]. Escreve uma carta da Madeira à "Maria, minha inglezadíssima amiga" (*ibidem* 56), mas deixa transparecer, tal como antes nas cartas de Lisboa (numa sátira aos ingleses, que poderia ter servido de inspiração a Miguel Esteves Cardoso[13]), que não está de acordo com a imitação da vida britânica e da dependência política portuguesa em relação à Grã-Bretanha[14]. Mesmo assim, LUZIA integra no seu texto referências linguísticas, literárias e culturais europeias– destacando-as em itálico, de forma consequente.

Luzia, na Madeira, está rodeada por *ladies* e *misses* com hábitos esquisitos, das quais se quer diferenciar. Joga o jogo da sociedade, mas delimita a fronteira, que claramente a separa das *misses*, assim como afirma o seu desprezo por mulheres que escrevem «como um homem» (LUZIA, 1922: 195).

> Daisy – a inglesa com um ar muito garoto, muito arrapazado, que usava monoculo, lembras-te? – está inconsolável. Por causa da sua vista curta – e nós a pensarmos que o monoculo era de vidraça, muitos juízos temerários se fazem n'este mundo! – recusaram lhe a carta de *chauffeur*…*Is n'it dreadful?* (*ibidem* 159).

Os juízos das amigas não se justificam, então. Diz uma outra *Miss*:

> *Miss* G. que inventou um modelo de…calças para defender contra as picadas as pernas dos miseros burros e se levanta de madrugada para esperar no *calhau* os bois, que veem do campo, a que a sua presença consegue poupar alguns dos numerosos maus tratos. Há quem censure *Miss* G., quem a ache d'um ridiculo exaggero. (*ibidem* 173)

São censuras de LUZIA, ou de Luísa Grande, por detrás dela? Afirmando-se, enquanto autora, em termos do discurso feminista, como "diferencialista", sem reparar que está a cair nos embustes do olhar dos críticos masculinos, escreve:

> Depois, encanto maior de todos – pelo menos para mim – *madame* de Noailles é tão deliciosamente mulher! Porque, tu bem o sabes, eu não supporto aquellas escriptoras de quem se diz: teem a inteligencia viril, escrevem como um homem…Com esta minha perigosa mania de evocação oiço-lhes logo a voz grossa, vejo-as de peitilho de gomma, colarinho alto, begala e cachimbo. Sim, perfeitamente, essas senhoras devem fumar cachimbos. (*ibidem* 195)

No texto em análise existem frequentes neologismos, tais como *bridjar* (*ibidem* 183) ou *bridgesinho* (*ibidem* 111), num jogo permanente, sempre irónico, entre absorção e rejeição, tocando-se o limiar de uma identidade multifacetada. Explicam-se e reflectem-se os falares madeirenses, com carinho: a *menaina* (*ibidem* 155), os *menainos* (*ibidem* 212), um *boio* que se chamava *Bonaito* (*ibidem* 158), a *famailha* (*ibidem* 210), cujo significado abrange o povo todo. Destaca-se a palavra *calhau* (*ibidem* 173).

A autora/narradora sente-se estranha no meio das distracções fúteis e, repetidamente, declara preferir ler livros em sossego. Deixa um baile antes do tempo,

---

[12] *Vd*. O interessante ensaio de Graça Abranches: «Homens, mulheres e mestras inglesas» in Maria Irene Ramalho e António Sousa Ribeiro (orgs.) (2002) *Entre Ser e Estar, Raízes, Percursos e Discursos da Identidade*, Porto: Edições Afrontamento, 255-305.

[13] LUZIA, 1922, 57-59.

[14] As inúmeras alusões à situação política da República Portuguesa mereceriam um estudo crítico à parte.

comentando: «E Deus não me fadou para a graça inglesa.» (*ibidem* 203). Por vezes revela-se uma inclinação pela cultura francesa e, quem diria, pelos alemães.[15] É diferente dos outros, e especialmente, das outras.[16] Continua a sua viagem como solitária, assume as diferentes identidades, as de todas as amigas, das estrangeiras, das estrangeiradas, dos madeirenses, dos lisboetas, dos alentejanos, sempre com ironia e certa distância – de todos e de si própria.

**4. Conclusões preliminares**

Já em 1922 LUZIA tinha constatado e problematizado o desmoronamento do conceito de uma identidade única. Tal como outras escritoras da sua geração – daquela, que nasceu ainda em pleno século XIX – leva traços dessa época, estilísticos e não só, para dentro dos textos modernistas. Todavia, distancia-se deles por reflexão, afastando-se ou contrapondo-lhes outros, por exemplo, através da descrição ora irónica, ora satírica, da vida moderna real, na qual está e não está inserida, num permanente jogo dialéctico.

As *Cartas do Campo e da Cidade* são, sem dúvida, um texto da 1ª República Portuguesa. Trata-se não apenas da (re-)construção de uma nova identidade individual (como escritora, como cidadã, como mulher), mas também de um processo de reconstrução ou redefinição da identidade nacional abalada. As repúblicas europeias trouxeram consigo a grande chance de libertação das mulheres, mas os textos delas naufragaram uns anos depois, na consequência dos fascismos e totalitarismos europeus.

Acerca das *misses*, uma espécie de terceiro sexo no imaginário português, Graça Abranches explica, em termos de discurso de género, que as

> "estrangeiras" (duplamente desnaturadas), estas representações de mulheres "supérfluas" constituem igualmente um lugar de cristalização de ansiedades identitárias nacionais, revelador de formas de articulação simbólica do sexo e da nacionalidade de que me pareceu possível traçar um percurso genealógico até os dias de hoje. (ABRANCHES, 2002: 256)

Mais à frente acrescenta: «[O]processo de utilização de um terceiro sexo estrangeiro para construir, defender e naturalizar um ideal de feminilidade «especificamente nosso», passa pela apropriação (ou pela dependência) de alguns dos temas e motivos da misoginia e do antifeminismo».(*ibidem* 258).

LUZIA consegue integrar "o estranho" em si própria: ela própria é estranha em qualquer parte, como é frequente entre as escritoras do século XX.

O caso de LUZIA é típico, não é um caso extraordinário. Não é «Eça de saias»[17], nem «Pessoa de saias»: Nem com um, nem com o outro, as modernistas portugueses se assemelham.

Na Ilha da Madeira, nem campo nem cidade, mas Ilha, Luísa Grande encontrou – assim sugere a composição do livro em estudo – uma espécie de *tertium com-*

[15] Em 1922, a clivagem entre os "anglófilos" e os "germanófilos" na Madeira, ainda foi notável. Ambos os substratos culturais concorreram pela maior influência económica na Ilha. Agradeço recente esclarecimento à conferência proferida por Nelson Veríssimo, "*Alemães na Madeira: negócios, saúde e turismo. Breves notas para a compreensão da presença germânica nesta ilha*", 18 de Fevereiro de 2009, Universidade da Madeira (no prelo).

[16] O discurso de género em LUZIA merece um estudo, que englobasse também as restantes publicações e a biografia da autora.

[17] *Vd.* CONDE, 1990.

*parationis*, em que as identidades múltiplas são vividas de forma natural e pacífica ao que parece, desde sempre.

Com o seu "humor vagabundo" (*ibidem* 221), finaliza o livro de seguinte forma:

> – Partir! Mudar! Ver sempre novos horisontes, novas terras! Ah! Como tu és feliz! Como nós te invejamos! – exclamam em côro, as minhas amigas. E eu não ouso confessar-lhes quanto lhes invejo a doçura de ficar… (*ibidem* 222).

Espreita, entre as linhas, e a reconstruir pelos leitores, o *non-event* essencial, um facto da maior importância, a luz, com a qual LUZIA nos consegue iluminar:

Por muito injustificados e injustos que sejam a memória cultural colectiva e o cânone que a reflecte, as vagabundas errantes[18] da literatura europeia dos inícios do século XX dispuseram e desfrutaram do mais precioso bem: a liberdade.

## 5. Referências bibliográficas

### Obras da autora citadas:

LUZIA [i.e. Luísa Grande] (1922) *Cartas do Campo e da Cidade*, Portugalia Editora, Lisboa.

_____(1936) *Almas e terras onde eu passei*, Lisboa: Edições Europa; *apud Almanaque Betrand*, 1944.

### Bibliografia citada:

ABRANCHES, Graça (2001) "Homens, Mulheres e mestras inglesas" in Maria Irene Ramalho e António Sousa Ribeiro (orgs.) *Entre Ser e Estar, Raízes, Percursos e Discursos da Identidade*, Porto: Edições Afrontamento, 255-305.

CONDE, José Martins dos Santos (1990) *LUZIA, o Eça de Queiroz de Saias*, Portalegre.

DELIUS, Friedrich Christian Delius (1971) *Der Held und sein Wetter. Ein Kunstmittel und sein ideologischer Gebrauch im Roman des bürgerlichen Realismus* [O Heroi e o seu tempo. Um meio artístico e a sua aplicação ideológica no romance do realismo burguês], München: Carl Hanser.

EMONTS, Anne Martina (2001) *Onde há Galo não Canta Galinha. Discursos Femininas, Feministas e Transgressivos nos Anos Vinte em Portugal*, ONG da CIDM, Lisboa, 2001. [291 pp., Tese de Mestrado publicada e premiada]

_____(2009) *Mechtilde Lichnowsky – Sprachlust und Sprachkritik, Annäherung an ein Kulturphänomen*, Königshausen & Neumann, Würzburg [580 pp., Tese de Doutoramento].

_____(2002) "Judith Teixeira – soror saudade menor. Um discurso feminino transgressivo dos Anos Vinte em Portugal" in Michel Maillard e Elisete Almeida (Org.) *O Feminino nas Línguas, Literaturas e Culturas*, Universidade da Madeira, Funchal,109-119.

LISKA, Vivian (2000) *„Die Moderne – ein Weib", Am Beispiel von Romanen Ricarda Huchs und Annette Kolbs* [„O Modernismo – uma Mulher", Por exemplo em romances de Ricarda Huch e Annette Kolb], Francke Verlag, Tübingen, Basel.

[18] O pleonasmo é consciente.